COMUNICAÇÃO ORAL - GT 12 | MULHERES, RAÇA, SOCIABILIDADE E TRABALHO EM PERÍODOS DE PANDEMIA

UMA ANÁLISE DA PEÇA "ENGRAVIDEI, PARI CAVALOS E APRENDI A VOAR SEM ASAS" A PARTIR DO SIGNIFICANTE SOLIDÃO E DA VIVÊNCIA DE MULHERES NEGRAS

Bárbara Cristina Souza Barbosa (barbaracsb@hotmail.com)

Um autor como Freud já nos indicou que em relação ao que toca a experiência humana, os artistas estão sempre à frente dos psicanalistas. Longe de tentar hierarquizar “quem está mais afinado” com o psiquismo humano (os artistas ou os psicanalistas) o que Freud nos lembrou é que a arte escolhe um modo de falar da experiência humana em que os efeitos produzidos se dão sem a lançada de mão de uma proposta explicativa, cartesiana ou persuasiva e justamente por isso os psicanalistas teriam muito a aprender com essa invenção da cultura, já que sua práxis, por trabalhar com a hipótese do inconsciente também se lançaria numa escuta e modalidade de intervenção que não tem como objetivo a persuasão ou a elucidação de algo. É a partir dessa proposta que esse trabalho pretende fazer uma operação de escuta e análise da peça teatral: “Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas” de Cidinha da Silva para trabalhar a noção de solidão e desamparo na vivência de mulheres negras. Se Winnicott desenvolveu a hipótese de que a capacidade de estar só seria uma experiência de amadurecimento psíquica conquistada pelo sujeito e Freud afirmou que a experiência inaugural de desamparo é algo que se atualizará em vários momentos da vida produzindo angústia, nos salta a questão: como esse desenvolvimento conceitual dos dois psicanalistas a

respeito da constituição subjetiva pode ser repensado a partir do atravessamento racial? Na peça citada, vemos a história de personagens mulheres negras, que não aparecem com seus nomes próprios, mas com nomes dos seus afazeres principais: Moradora de Rua, Princesa do Carnaval, A Dona do Salão de Cabeleleiros, a Alcóolotra e a Puta. Essas mulheres contam de suas vivências, trazendo várias definições de amor que oscilam entre aquilo que produz beleza, nascimento, brotação, para aquilo que impulsiona pro abismo, pro risco, para devastação. Se para a psicanálise o amor é um significante fundamental na construção dos seus textos, não alcançando o estatuto de conceito, como podemos pensar essa relação entre amor e desamparo nas experiências de mulheres negras que se distinguiria da experiência de outras mulheres? O que a lupa nas categorias de gênero e raça nos ajudaria na produção de ferramentas clínicas na escuta dessas mulheres? São com essas questões que esse texto-apresentação pretende trabalhar.